

As relações entre pares de adolescentes socialmente retraídos

João Correia* / António J. Santos* / Miguel Freitas* / Olívia Ribeiro* / Kenneth Rubin**

* ISPA – Instituto Universitário; ** University of Maryland

O presente estudo tem como objetivo caracterizar as relações sociais de adolescentes socialmente retraídos, quer com o seu grupo de pares, quer com os seus melhores amigos. Os dados foram recolhidos com base em 3 instrumentos: o Extended Class Play – que permite aceder às avaliações que os pares fazem do comportamento, funcionamento e reputação sociais dos colegas –, as Nomeações de Amizade – que permite identificar quem são os melhores amigos – e o Questionário da Qualidade da Amizade – destinado a aceder às perceções que os sujeitos têm de vários aspetos qualitativos da sua melhor amizade. No que diz respeito às relações sociais, os resultados permitiram verificar que os adolescentes socialmente retraídos foram descritos pelos pares como sendo significativamente mais isolados, excluídos e vitimizados, mas também mais pró-sociais do que os seus colegas. Por outro lado, não diferiam destes no número de amigos mútuos, nem na qualidade de amizade relatada, ainda que tendessem a ter amigos significativamente mais isolados e excluídos, tal como menos agressivos, do que os adolescentes do grupo de controlo. Os resultados estão de acordo com a literatura, refletindo as dificuldades sociais que os jovens socialmente retraídos enfrentam, assim como chamam a atenção para o possível efeito protetor que a participação em comum com os melhores amigos pode ter.

Palavras-chave: Relações entre pares, Retraimento social, Amizade, Adolescentes.

A literatura tem atestado, de forma inequívoca, a importância que as interações e relações com pares – particularmente as de amizade e com o grupo – assumem no desenvolvimento e bem-estar psicossocial dos indivíduos ao longo de todo o ciclo vital. Como consequência, começou a surgir o interesse por aqueles sujeitos que, devido ao medo, à ansiedade e/ou à timidez, se retiravam das interações – nomeadamente com os seus pares – perdendo, assim, todos os benefícios individuais, sociais, cognitivos e emocionais que lhe estão associados e que estão empiricamente verificados (p. ex., Rubin, Bukowski, & Laursen, 2009; Rubin, Bukowski, & Parker, 2006).

O estudo da problemática do retraimento social – isto é, da remoção promovida pelos próprios sujeitos da interação com os pares, de forma recorrente e consistente ao longo de diferentes situações, contextos e tempo, com o objetivo de evitar o medo da rejeição (Coplan & Rubin, 2008; Rubin & Coplan, 2004; Rubin, Coplan, & Bowker, 2009) – tem tido um crescimento exponencial ao longo das últimas quatro décadas. Neste período, tem sido solidamente demonstrado que, desde a infância até à adultícia, estes indivíduos revelam uma grande variedade de dificuldades, quer de natureza social, quer individual – apresentando mais problemas de internalização, como sejam baixa autoestima, perturbações depressivas ou de ansiedade (p. ex., Prior, Smart, Sanson, & Oberklaid, 2000; Rubin, Chen, McDougall, Bowker, & McKinnon, 1995) –, passando também

Os autores gostariam de agradecer a todas os jovens que aceitaram participar neste estudo, financiado em parte pela F.C.T. (PTDC/PSI-PDE/098257/2008). Os autores gostariam ainda de agradecer a todos os colegas da linha 1, Psicologia do Desenvolvimento, da UIPCDE pelos seus comentários valiosos.

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: António J. Santos, ISPA – Instituto Universitário, Rua Jardim do Tabaco, 34, 1149-041 Lisboa. E-mail: asantos@ispa.pt

pelas dificuldades escolares – evidenciando piores relações com os professores e aproveitamento acadêmico (p. ex., Coplan & Prakash, 2003).

No domínio das interações e relacionamentos sociais, a investigação tem-se centrado, essencialmente, em dois níveis de complexidade (Hinde, 1987): o da relação com o grupo de pares e o das relações de amizade. Tem-se verificado que os sujeitos socialmente retraídos são não só menos aceites, como também mais ativamente rejeitados, excluídos e vitimizados pelos colegas, de forma estável e tornando-se mais evidente ao longo do desenvolvimento (Gazelle & Rudolph, 2004; Hymel, Bowker, & Woody, 1993; Oh, Rubin, Bowker, Booth-LaForce, Rose-Krasnor, & Laursen, 2008).

No entanto, apesar destas dificuldades com o grupo mais alargado, da timidez e de todos problemas de internalização que dificultam a normal interação com os pares, estes jovens são tão capazes quanto os seus colegas de formar e manter relações de melhor amizade (Ladd & Burgess, 1999; Rubin, Wojslawowicz, Rose-Krasnor, Booth-LaForce, & Burgess, 2006; Schneider, 1999). Apesar disso, a maior parte destas amizades tenda a ser de menor qualidade e com alguém que partilha muitos dos seus próprios problemas psicossociais (Hogue & Steinberg, 1995; Rubin, Wojslawowicz et al., 2006).

Mais recentemente tem-se procurado, igualmente, averiguar como é que as relações sociais poderão ser fatores protetores e/ou de risco nas trajetórias desenvolvimentais destas crianças e jovens. Os estudos têm mostrado que diferentes respostas do ambiente social – concretamente, diferentes graus de rejeição, exclusão e vitimização por parte dos colegas –, prevêm não só níveis iniciais de retraimento social dos sujeitos, como também contribuem significativamente para a sua manutenção, exacerbação ou diminuição ao longo do tempo (p. ex., Gazelle & Rudolph, 2004; Oh et al., 2008). Por outro lado, a participação numa relação de melhor amizade parece proteger de maiores dificuldades sociais e emocionais, ainda que não as evite completamente (p. ex., Oh et al., 2008; Rubin, Wojslawowicz et al., 2006). Este aspeto depende sempre, quer das características sociais dos amigos, quer da qualidade da relação estabelecida (p. ex., Oh, Rubin, Burgess, Booth-LaForce & Rose-Krasnor, 2004; Oh et al., 2008). Adicionalmente, a estabilidade ou o ganho de uma amizade têm sido associados a um melhor ajustamento ao longo do tempo, enquanto a perda ou a ausência destas relações próximas e recíprocas estão correlacionadas com um agravamento dos problemas intra e interpessoais (p. ex., Wojslawowicz, Bowker, Rubin, Burgess, Booth-LaForce, & Rose-Krasnor, 2006).

Contudo, o conhecimento que se tem da problemática do retraimento social, os seus correlatos, consequências desenvolvimentais e fatores protetores e/ou de risco deriva de estudos realizados com amostras norte-americanas, canadianas, asiáticas e centro e norte-europeias. Mesmo nas amostras centro e norte-europeias, têm sido evidenciadas algumas especificidades culturais na avaliação deste comportamento. Assim, a investigação deste fenómeno em diferentes culturas é não só importante, como se torna absolutamente necessária (Rubin & Burgess, 2001). Como já foi demonstrado em alguns estudos, este comportamento pode ser culturalmente aceite e valorizado (p. ex., Chen, Rubin, & Sun, 1992), enquanto noutros se constatou que a relação, coesão e conformidade ao grupo são mais importantes do que as relações de amizade ou do que os valores como a independência, autonomia ou assertividade (p. ex., Chen et al., 2004).

Há ainda a considerar que, apesar do número crescente de estudos sobre esta problemática, a grande maioria ainda se centra sobre o período da infância e idade escolar (6-12 anos), sabendo-se consideravelmente menos sobre as manifestações e implicações do retraimento social na adolescência. Este dado reveste-se de particular importância, na medida em que é neste período que as relações sociais – especificamente, ser aceite pelo grupo de pares e ter amigos – se tornam particularmente importantes e influentes no desenvolvimento harmonioso dos sujeitos (p. ex., Bagwell, Newcomb, & Bukowski, 1998). Com efeito, o sentido de inclusão e pertença, assim como a intimidade, afeto, validação e segurança emocional que estas relações proporcionam são

fundamentais para a aprendizagem de um conjunto de competências e para a concretização das tarefas desenvolvimentais específicas da adolescência. Concretamente, a adaptação a um novo corpo púbere, a conquista de uma maior autonomia face aos pais mantendo uma relação harmoniosa com os mesmos, ou a formação de uma identidade e autoconceito positivos (p. ex., Berndt, 2004) são tarefas fundamentais deste período do desenvolvimento.

O presente estudo tem como principal objetivo a caracterização das relações sociais de adolescentes portugueses socialmente retraídos, quer com o grupo de pares, quer com os seus melhores amigos, por comparação com um grupo normativo. Relativamente à caracterização das relações de amizade (melhores amigos) foram consideradas as três facetas identificadas por Hartup (1996): prevalência, identidade do amigo e qualidade da relação. Procurou-se ainda averiguar o potencial efeito protetor que a participação numa melhor amizade poderá ter para os sujeitos socialmente retraídos quer ao nível do seu funcionamento social, quer quando avaliados pelos pares. Finalmente, foram também exploradas possíveis diferenças de sexo e idade.

Atendendo à literatura anteriormente revista, hipotetiza-se que, ao nível da relação com o grupo de pares, os jovens socialmente retraídos serão descritos pelos seus pares como sendo mais retraídos, excluídos e vitimizados do que os seus colegas do grupo de comparação.

No que diz respeito às relações com os melhores amigos, não se prevê que sejam encontradas diferenças significativas entre os grupos relativamente à prevalência, mas espera-se que haja diferenças quanto às características dos melhores amigos e à qualidade da relação. De forma mais concreta, espera-se que, à luz da hipótese da homofilia (Rubin, Wojslawowicz et al., 2006), os amigos dos jovens socialmente retraídos sejam igualmente mais retraídos, excluídos e vitimizados do que os amigos dos sujeitos do grupo de controlo, e que a qualidade da amizade relatada, quer pelos próprios sujeitos retraídos, quer pelos seus melhores amigos, seja inferior à reportada pelos elementos das díades normativas.

Considerando ainda o potencial efeito protetor que as melhores amizades poderão ter (p. ex., Bagwell et al., 1998), colocou-se a hipótese de os jovens socialmente retraídos que não estejam envolvidos em nenhuma amizade, enfrentarem maiores dificuldades sociais, nomeadamente serem mais excluídos e vitimizados, comparativamente com aqueles que têm pelo menos uma amizade recíproca.

Finalmente e considerando o fator sexo, a literatura tem descrito que as raparigas privilegiam relações mais exclusivas, em díade ou pequeno grupo e, portanto, mais íntimas, enquanto os rapazes valorizam mais a pertença a um grupo de pares alargado, constituído por amigos, colegas e conhecidos (p. ex., Maccoby, 1995; Poulin & Chan, 2010). Por outro lado, na avaliação que fazem das suas amizades, as raparigas reportam índices de maior qualidade, classificando-as como mais intensas e íntimas (Parker, & Asher, 1993; Underwood, 2007). Diferentes estudos apontaram, igualmente, para o facto de os rapazes experienciarem maiores dificuldades psicossociais do que as raparigas, na infância e na idade escolar, sendo os resultados mais contraditórios quando o foco é o período da adolescência (p. ex., Gazelle & Rudolph, 2004). Deste modo, foi também colocada a hipótese de encontrar diferenças de resultados em função do sexo, ao nível da prevalência e qualidade da amizade, mas não em termos das características dos amigos ou da relação com o grupo de pares.

MÉTODO

Participantes

Participaram neste estudo 850 pré-adolescentes (418 do sexo feminino e 432 do sexo masculino), que frequentavam o 7º e 8º anos em três escolas na zona da Grande Lisboa, com uma média de idades de 13 anos ($DP=1.44$). Estes sujeitos fazem parte de uma amostra normativa que integra

um projeto de investigação longitudinal financiado pela FCT (PTDC/PSI-PDE/098257/2008). O projeto foi submetido à comissão de ética e todos os sujeitos e respetivos pais assinaram um consentimento informado.

Instrumentos

Extended Class Play (ECP; Burgess, Rubin, Wojslawowicz, Rose-Krasnor, & Booth, 2003; Correia, Santos, Freitas, Rosado, & Rubin, 2014)

Os participantes completaram a versão traduzida, adaptada e validada para uma amostra de jovens portugueses (Correia et al., 2014) do *Extended Class Play (ECP, Burgess et al., 2003)*. Trata-se de um instrumento composto por 37 itens, que procura aceder às avaliações que os pares fazem do funcionamento e reputação sociais dos sujeitos. É pedido a cada adolescente que se coloque no papel de um realizador de cinema que tem de escolher, entre os seus colegas de turma, aqueles que melhor desempenhariam diversos papéis de valência positiva e negativa.

Para o efeito, foi fornecida a cada sujeito uma listagem de todos os seus colegas autorizados a participar e clarificado que cada papel podia conter apenas uma nomeação feminina e outra masculina, embora a mesma pessoa pudesse ser escolhida mais do que uma vez.

Apenas as nomeações entre sujeitos do mesmo sexo foram consideradas, evitando possíveis enviesamentos por estereótipos de sexo (Zeller, Vannatta, Schafer & Noll, 2003). Os valores obtidos para os itens foram estandardizados para o sexo e turma, de modo a ajustar o número de nomeações recebidas ao número de nomeadores.

A estrutura hexofatorial da escala original foi validada e confirmada numa amostra de jovens portugueses (Correia et al., 2014) e as seis dimensões do comportamento social que ela permite avaliar são: *Agressividade* (6 itens; $\alpha=.84$); *Timidez/Retraimento Social* (3 itens; $\alpha=.86$); *Comportamento pro-social* (4 itens; $\alpha=.78$); *Popularidade/Sociabilidade* (4 itens; $\alpha=.76$); *Vitimização* (3 itens; $\alpha=.87$); e *Exclusão* (3 itens; $\alpha=.79$). Os alfas de Cronbach obtidos para as seis dimensões indicam uma elevada consistência interna.

Medida de nomeações de amizade

Os participantes preencheram o questionário de Identificação da Rede de Relacionamentos (IRR; Bukowski, Gauze, Hoza, & Newcomb, 1993), tendo-lhes sido pedido que indicassem o nome do seu “melhor amigo” e também do “segundo melhor amigo”, entre os sujeitos da mesma turma e do mesmo sexo. Esta condição é importante, uma vez que a literatura tem demonstrado que, neste período do desenvolvimento, não só existem diferenças entre raparigas e rapazes nas suas relações de amizade, como também são raras as nomeações entre pré-adolescentes de sexos opostos (Buhrmester, 1998; Bukowski et al., 1993). Optou-se por se considerar para análise, apenas o número de amizades recíprocas, isto é, os jovens que se escolhiam mutuamente nas suas primeiras ou segundas nomeações e que, desse modo, foram definidos como os “melhores amigos”.

Medida de qualidade da amizade

Os participantes completaram a versão traduzida, adaptada e validada para uma amostra de jovens portugueses (Freitas, Santos, Correia, Ribeiro, & Fernandes, 2013) do *Friendship Quality Questionnaire (FQQ; Parker & Asher, 1993)*. A sua estrutura fatorial foi validada e confirmada nesta amostra (Freitas et al., 2013). Trata-se de um questionário de autopreenchimento destinado a crianças e adolescentes, que procura avaliar a qualidade da amizade acedendo às perceções que os sujeitos têm de vários aspetos qualitativos da sua melhor amizade. As subescalas de valência positiva deste questionário revelaram-se fortemente correlacionadas o que justificou a adoção dos procedimentos que recomendam a combinação destas dimensões num só valor global de Qualidade da Amizade ($\alpha=.95$), tendo sido esta a única medida utilizada neste estudo (Wojslawowicz et al.,

2006).

Procedimento

Os instrumentos foram administrados em grupo, em contexto de sala de aula, por dois investigadores. Cada sessão durou, aproximadamente, 90 minutos. A ordem de aplicação dos instrumentos foi pré-determinada: primeiro o *Extended Class Play*, depois as Nomeações de Amizade e, por último, o *Friendship Quality Questionnaire*.

RESULTADOS

Identificação do grupo de adolescentes socialmente retraídos e do grupo de controlo

A identificação do *Grupo de Adolescentes Socialmente Retraídos* e do *Grupo de Controlo* foi feita com base no *ECP*, seguindo o procedimento e critérios anteriormente utilizados por outros autores (p. ex., Fredstrom et al., 2012; Rubin, Wojslawowicz et al., 2006). Assim, foram incluídos no *Grupo de Retraídos* os sujeitos cujos valores estandardizados na dimensão de Timidez/Retraimento Social se encontravam no terço superior (percentil 67) e abaixo da mediana na dimensão de Agressividade. O *Grupo de Controlo* foi constituído pelos adolescentes que tinham valores estandardizados abaixo da mediana para estas mesmas dimensões. Desta forma, da amostra inicial filtraram-se 163 sujeitos para o *Grupo de Retraídos* (87 do sexo feminino), com um resultado médio estandardizado de 1.18 na dimensão de Retraimento Social e de -.50 na de Agressividade. Para o *Grupo de Controlo*, filtraram-se 199 sujeitos (95 do sexo feminino), cujo resultado médio estandardizado foi de -.48 na dimensão de Retraimento Social e de -.50 na de Agressividade.

Identificação das díades de melhores amigos

Com base nas nomeações recíprocas de amizade dos adolescentes *Retraídos* e dos do *Grupo de Controlo*, foram identificadas díades de melhores amigos. Seguindo os procedimentos adotados noutras investigações (p. ex., Rubin, Wojslawowicz et al., 2006), a constituição das díades obedeceu aos seguintes critérios: quando um adolescente tinha duas amizades recíprocas, foi definido como seu par na díade aquele que correspondesse à sua primeira nomeação; nas situações em que dois sujeitos do *Grupo de Retraídos* eram amigos recíprocos, aquele que apresentasse o maior nível de Timidez/Retraimento Social era definido como “alvo”, enquanto o outro adolescente era integrado no grupo de “melhor amigo” correspondente – ou seja, o grupo dos “*melhores amigos de jovens retraídos*”; se dois jovens do *Grupo de Controlo* fossem amigos recíprocos, aquele que apresentasse o menor nível de Timidez/Retraimento Social era identificado como “alvo”, enquanto o outro era inserido no grupo dos “*melhores amigos de jovens de controlo*”; finalmente, quando um sujeito do *Grupo de Retraídos* e um do *Grupo de Controlo* eram amigos recíprocos (10 situações), a escolha do “alvo” era feita aleatoriamente, sendo o adolescente que restava colocado no grupo de melhores amigos correspondente.

Através do uso destes critérios, 67 adolescentes retraídos (39 raparigas e 28 rapazes) e 58 adolescentes de controlo (31 raparigas e 27 rapazes) formaram díades com os seus melhores amigos, com ambos os grupos a apresentarem uma percentagem superior a 90% de díades constituídas com base na primeira nomeação de amizade.

Prevalência de relações de amizade nos grupos

Para avaliar se existiam diferenças relativas ao número de relações de amizade recíprocas, entre os adolescentes socialmente retraídos e os jovens do grupo de controlo, foi realizada uma ANOVA 2 (Grupo: Retraídos, Controlo) x 2 (sexo), que não detetou diferenças significativas entre os grupos [$F(1,237)=2.40, ns$], nem efeitos de interação [$F(1,237)=1.02, ns$]. No entanto, foram encontradas diferenças significativas em função do sexo, com as raparigas a reportarem mais amizades recíprocas do que os rapazes [$F(1,237)=6.32, p<.05, \epsilon^2=.03$].

Características dos melhores amigos dos adolescentes retraídos

De seguida, foi explorada a existência de diferenças no funcionamento social dos melhores amigos dos adolescentes retraídos e dos sujeitos do grupo de controlo, realizando-se uma MANOVA 2 (Grupo: Melhores Amigos de Retraídos, Melhores Amigos de Controlo) x 2 (Sexo) para as seis dimensões do ECP – timidez/retraimento social, agressividade, vitimização, exclusão, comportamento pro-social e popularidade/sociabilidade.

TABELA 1
Resultados nas dimensões do ECP do grupo dos melhores amigos de retraídos e do grupo dos melhores amigos de controlo

	Total (n=125)				Raparigas (n=70)				Rapazes (n=50)			
	MA Retraído		MA Controlo		MA Retraído		MA Controlo		MA Retraído		MA Controlo	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Retraimento	0,17*	,96	-,16	,40	,26	1,06	-,21	,36	,05	,79	-,10	,44
Agressividade	-,13*	,57	,14	,66	-,17	,55	,06	,63	-,08	,60	,22	,68
Vitimização	,00	,80	-,06	,63	-,05	,81	-,05	,74	,08	,78	-,06	,49
Exclusão	,13**	,81	-,27	,37	,08	,82	-,33	,30	,20	,79	-,21	,44
Pro-social	,32	,85	,35	,75	,38	,80	,37	,77	,23	,91	,33	,74
Sociabilidade	,29	1,04	,27	,86	,35	1,12	,19	,89	,20	,92	,36	,84

Nota. * $p<.05$, ** $p<.01$.

Nestas análises, foram utilizados os dados relativos ao “melhor amigo”, tendo os resultados revelado um efeito significativo para os grupos [$F(5,116)=3.33, p<.01$; Wilks' $\lambda=.85, \epsilon^2=.15$], com os melhores amigos dos jovens *retraídos* a serem descritos pelos seus pares como significativamente mais isolados [$F(1,121)=5.18, p<.05; \epsilon^2=.04$], mais excluídos [$F(1,121)=12.53, p<.01; \epsilon^2=.09$] e ainda como menos agressivos [$F(1,121)=5.72, p<.05; \epsilon^2=.04$] do que os melhores amigos dos adolescentes do *grupo de controlo*. Não se verificaram diferenças significativas nas dimensões da vitimização [$F(1,121)=.26, ns$], comportamento prosocial [$F(1,121)=.11, ns$] ou sociabilidade/popularidade [$F(1,121)=.000, ns$], nem efeitos de interação significativos [$F(5,116)=.61, ns$].

Qualidade da amizade

Explorou-se ainda a possibilidade da qualidade de amizade variar em função da pertença a um dos grupos, considerando as diferentes perspetivas: a dos sujeitos-alvo, a dos seus melhores amigos e, finalmente, procurando as diferenças dentro da própria díade. Relativamente à perspetiva do sujeito-alvo, realizou-se uma ANOVA 2 (Grupo: Retraídos, Controlo) x 2 (sexo), que não revelou efeitos significativos para o grupo [$F(1, 109)=2.81, ns$] mas revelou efeitos para o sexo [$F(1,109)=12.37, p<.01; \epsilon^2=.10$]. Estes resultados indicam que a perceção que os adolescentes

retraídos têm da qualidade da sua melhor amizade não é significativamente diferente da dos jovens de *controle*. No entanto, as raparigas reportam mais qualidade nas suas amizades do que os rapazes. Finalmente, não foram encontrados efeitos de interação significativos [$F(1,109)=.19, ns$].

Considerando a perspetiva do melhor amigo, foi efetuada uma ANOVA 2 (Grupo: Melhores Amigos de *Retraídos*, Melhores Amigos de *Controlo*) x 2 (Sexo) para avaliar a existência de possíveis diferenças na qualidade da relação. Também aqui não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos de melhores amigos [$F(1,110)=1.50, ns$], mas foram reveladas diferenças relativamente ao sexo, [$F(1,110)=16.50, p<.001; \epsilon^2=.13$]. Os resultados indicam que os melhores amigos dos adolescentes *retraídos* não vêm a qualidade da sua amizade de modo diferente dos melhores amigos dos adolescentes de *controle*. Apenas a relação nas díades femininas é descrita como apresentado maior qualidade. Não foram encontrados novamente efeitos de interação significativos [$F(1,110)=.04, ns$].

Finalmente, procurou-se averiguar se os sujeitos-alvo e os seus melhores amigos diferiam na perceção da qualidade das suas amizades. Para isso, realizou-se separadamente para cada grupo (*Retraídos* e *Controlo*) uma ANOVA 2 (Díade: Alvo, Melhor Amigo) x 2 (Sexo). Esta análise revelou que não existem diferenças significativas na perspetiva que sujeitos-alvo e os seus parceiros na díade têm da qualidade da sua relação, nem nas díades do grupo dos *retraídos* [$F(1,121)=1.17, ns$], nem nas díades do grupo de *controle* [$F(1,99)=.34, ns$]. Verificaram-se, novamente, diferenças de sexo, com as raparigas a descreverem maior qualidade da amizade, nas díades de ambos os grupos – *retraídos* [$F(1,121)=17.95, p<.001; \epsilon^2=.13$] e *controle* [$F(1, 99)=13.64, p<.001; \epsilon^2=.12$].

Funcionamento social dos adolescentes retraídos com e sem amigos recíprocos

Por último, procurou-se compreender a importância que a participação numa relação de amizade pode ter para os adolescentes socialmente *retraídos*. Para tal, foi comparado o funcionamento social dos sujeitos do *Grupo de Retraídos* que tinham, pelo menos, uma amizade recíproca com aqueles que não tinham, através de uma MANOVA 2 (Grupo: *Retraídos Com Amigo Recíproco*, *Retraídos Sem Amigo Recíproco*) x 2 (Sexo) nas dimensões do *ECP*.

TABELA 2
Resultados nas dimensões do ECP dos sujeitos do grupo de retraídos consoante tenham ou não amigos recíprocos

	Total (n=132)				Raparigas (n=73)				Rapazes (n=59)			
	Com Amigo		Sem Amigo		Com Amigo		Sem Amigo		Com Amigo		Sem Amigo	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Retraimento	1,00	1,04	1,30	1,01	1,01	1,11	1,66	1,09	,98	,91	1,08	0,92
Agressividade	-,51	,09	-0,49	0,12	-0,52	0,10	-0,51	0,10	-,51	,09	-0,48	0,14
Vitimização	-,04	,73	0,23**	0,81	-0,06	0,75	0,81**	0,99	-,02	,71	-0,11	0,39
Exclusão	,26	,82	0,68**	1,16	0,27	0,83	1,50***	0,98	,26	,81	0,19	0,98
Pro-social	,44	,89	-0,16***	0,48	0,39	0,79	-0,28	0,50	,52	1,03	-0,08	0,47
Sociabilidade	-,13	,52	-0,36**	0,37	-0,22	0,42	-0,46	0,24	,01	,65	-0,31	0,42

Nota. * $p<.05$, ** $p<.01$, *** $p<.001$.

Encontraram-se efeitos de grupo significativos [$F(5,123)=3.91, p<.01$; Wilks' $\lambda=.84, \epsilon^2=.16$], com ANOVAs de *follow-up* que demonstraram que os sujeitos *retraídos sem amigos recíprocos*

são descritos pelos seus pares como mais excluídos [$F(1,128)=11.58, p<.01; \epsilon^2=.08$] e vitimizados [$F(1,128)=7.59, p<.01; \epsilon^2=.06$], mas também menos prosociais [$F(1,128)=17.10, p<.001; \epsilon^2=.12$] e sociáveis [$F(1,128)=9.13, p<.01; \epsilon^2=.07$]. Verificou-se, igualmente, uma tendência para que estes adolescentes retraídos sejam ainda vistos como mais retraídos [$F(1,128)=3.46, p=.06, ns$].

Foi também encontrado um efeito principal significativo relativo ao sexo [$F(5,123)=3.07, p<.01; Wilks' \lambda=.87, \epsilon^2=.13$], com as raparigas retraídas a serem descritas como mais excluídas [$F(1,128)=14.77, p<.001; \epsilon^2=.10$], vitimizadas [$F(1,128)=10.00, p<.01; \epsilon^2=.07$] e menos sociáveis [$F(1,128)=4.30, p<.05; \epsilon^2=.03$] do que os rapazes retraídos. Finalmente, foi revelado um efeito de interação [$F(5,123)=3.57, p<.01; Wilks' \lambda=.85, \epsilon^2=.15$], com as raparigas retraídas sem amigas a serem vistas pelos pares como mais excluídas [$F(1,128)=14.55, p<.001; \epsilon^2=.10$] e vitimizadas [$F(1,128)=6.09, p<.01; \epsilon^2=.08$].

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo podem juntar-se a um corpo teórico de conhecimentos que se tem vindo a constituir a partir de investigações feitas com amostras de diferentes culturas – americana, europeia e asiática (p. ex., Gazelle & Rudolph, 2004). Ficou demonstrado que, também na realidade portuguesa, o fenómeno do retraimento social se associa a grandes dificuldades nos relacionamentos com os pais. Estes jovens adolescentes socialmente retraídos são não só ativamente excluídos das conversas e das atividades do grupo de pares, como também são mais vitimizados pelos colegas. Este comportamento por parte dos pares poderá dever-se ao facto de, sobretudo no período da adolescência, o evitamento e a remoção das interações sociais, bem como a manutenção à margem do grupo poder ser crescentemente percecionado pelos outros como atípico, desviante e estranho face às expectativas e padrões sociais normativos (Rubin, Bowker, & Gazelle, 2010). Por outro lado, o próprio comportamento destes jovens socialmente retraídos na sua relação com os colegas (tímido, receoso, ansioso e inseguro), para além de poder ser percebido como não acrescentando nada de positivo ao grupo (Rubin, Bukowski, & Parker, 2006), pode inclusivamente sugerir aos pares que se tratam de “alvos fáceis”, submissos e incapazes de retaliar (Rubin et al., 2006).

Neste sentido, poderá ser criado um ciclo negativo na vida destes jovens, uma vez que o retraimento social potencia (com o avanço da idade) dificuldades na relação com o grupo de pares que, por seu turno, podem levar ao desenvolvimento de um autoconceito pobre e promover ainda mais o comportamento de retirada social, enquanto estratégia de fuga à exclusão e vitimização. Obviamente, esta resposta não só se revela desajustada e ineficaz, como destaca ainda mais estes jovens pela negativa, colocando-os numa posição de maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de problemas de carácter inter e intrapessoal (Rubin, Coplan, & Bowker, 2009).

Tal como é descrito na literatura, também se verificou que, apesar de todas as dificuldades descritas na relação com o grupo de pares, não existiam diferenças significativas entre jovens socialmente retraídos e os de uma amostra normativa relativamente à probabilidade de terem uma melhor amizade (p. ex., Ladd & Burgess, 1999; Rubin, Wojslawowicz et al., 2006; Schneider, 1999). Estes resultados parecem indicar que, do mesmo modo que ser socialmente competente, por si só, não garante sucesso no envolvimento numa relação de melhor amizade, ser socialmente retraído também não o impede. Ou seja, o desconforto, ansiedade e insegurança reveladas num contexto mais amplo – e que promovem um comportamento de retraimento social, de exclusão e vitimização por parte dos pares –, não são obstáculos intransponíveis para o estabelecimento de uma melhor amizade. A única diferença registada foi em função do sexo, com as raparigas a reportarem mais amizades recíprocas do que os rapazes, talvez por privilegiarem as relações mais

próximas e íntimas. De facto, perante os critérios de definição de amizade que estabelecemos, é possível que as raparigas – que têm relações mais exclusivas e menos extensivas do que os rapazes tenham maior probabilidade de terem mais reciprocidades, na medida em que o número de colegas potencialmente elegíveis é menor.

Características do amigo

Apesar de não existirem diferenças na probabilidade de terem uma melhor amizade, concluiu-se que os amigos dos jovens socialmente retraídos são mais isolados e excluídos (mas não vitimizados, ao contrário do que se tinha previsto), assim como menos agressivos do que os dos adolescentes do grupo de comparação – o que é consistente com a hipótese da homofilia definida pela literatura (p. ex., Rubin, Wojslawowicz et al., 2006). Assim, parece que, perante todas as dificuldades psicossociais que estes sujeitos enfrentam, as possíveis escolhas de um amigo estão limitadas a outros que também as vivem. O cenário de “*misery loves company*” defendido por Rubin e colaboradores (Rubin, Wojslawowicz et al., 2006, p. 154) poderá ser traduzido para esta realidade como “mais vale acompanhado do que só”, sobretudo se por alguém que compreende, como ninguém, os problemas e impactos que estas dificuldades acarretam.

Deste modo, as vantagens desenvolvimentais, frequentemente associadas à participação numa melhor amizade poderão estar comprometidas. Se as díades entrarem em processos de ruminação e de lamentações recorrentes sobre as suas dificuldades intra e interpessoais, apenas poderão reforçá-las, impedindo uma verdadeira comunicação, ajuda e colaboração mútua e positiva na elaboração de estratégias de *coping* mais adequadas. É igualmente interessante salientar o facto de as análises realizadas não terem registado efeitos de sexo, o que faz pensar que esta é uma realidade válida tanto para raparigas, como para rapazes.

Qualidade da amizade

Relativamente à qualidade da amizade, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos níveis de análise considerados, isto é, não há diferenças entre os sujeitos socialmente retraídos e os de comparação, nem entre os seus melhores amigos, nem ainda, no seio das díades consideradas (retraídos ou de controlo). Estes resultados contrariam os estudos anteriormente apresentados e não confirmam a hipótese estabelecida. Pelo contrário, indicam que os adolescentes socialmente retraídos podem ter uma relação de amizade de qualidade semelhante à dos seus colegas, facto que também é afirmado pelos seus melhores amigos. Assim, parece que estes jovens, não obstante todas as suas dificuldades relacionais, podem, no contexto mais privado de uma melhor amizade, revelar as competências e a serenidade necessárias para cultivar uma relação íntima, de apoio, suporte, companheirismo e validação mútuos, bem como serem capazes de superar eventuais desentendimentos e conflitos, estabelecendo uma relação recompensadora para ambos. Tal facto poderá ser benéfico para o seu ajustamento psicossocial ao longo do tempo, uma vez que tem sido demonstrado que os níveis de retraimento social aumentam no seio de díades de amigos com amizades de média e baixa qualidade (Berndt, Hawkins, & Jiao, 1999).

Outro dado relevante é o facto de não existirem diferenças dentro da díade, o que parece indicar que ela é equitativa e igualmente proveitosa para ambos os membros. Ao contrário do que foi observado por Schneider e Tessier (2007), os sujeitos socialmente retraídos podem ser capazes de se descentrar das suas próprias necessidades e dificuldades, preocupar-se e interessar-se pelo amigo, corresponder às suas necessidades e expectativas e, assim, manter uma relação de boa qualidade e benéfica para ambos. A única diferença significativa detetada foi relativa ao sexo, em que as raparigas reportaram em qualquer uma das três análises realizadas, maior qualidade de amizade, o que é consistente com a literatura existente para este período desenvolvimental (p. ex., Parker & Asher, 1993; Rubin et al., 2004).

Por último, procurou-se perceber se a amizade poderia funcionar como um fator protetor para os adolescentes socialmente retraídos. Para isso, compararam-se aqueles que tinham pelo menos uma amizade recíproca com os que não tinham. Verificou-se que os adolescentes socialmente retraídos que não tinham, pelo menos, uma amizade recíproca, eram significativamente mais excluídos e vitimizados (tal como previmos), assim como menos pro-sociais e sociáveis. Tendencialmente, eram ainda mais isolados do que aqueles que tinham pelo menos uma amizade recíproca. Assim, parece ser possível que a participação numa melhor amizade ofereça o suporte e a ajuda necessários para atenuar algumas dificuldades sociocognitivas e emocionais e, desta forma, permita enfrentar os dilemas interpessoais com mais confiança. Como consequência, estes adolescentes podem exibir um comportamento social um pouco mais adequado. Efetivamente, são os próprios pares que reconhecem estas diferenças, ao considerá-los mais prosociais e sociáveis do que os outros jovens igualmente retraídos mas sem amigos, à semelhança do que foi demonstrado noutras investigações (Rubin, Wojslawowicz et al., 2006).

De qualquer modo, torna-se importante realçar que, embora a existência de uma melhor amizade possa associar-se a um melhor ajustamento psicossocial, ela não pode prevenir ou proteger os adolescentes socialmente retraídos de continuarem a ser excluídos e vitimizados pelo seu grupo de pares, apenas permite que o sejam menos. Não obstante os benefícios de ter um melhor amigo, eles poderão ser limitados aos olhos dos colegas, pelo menos, a curto-prazo. Porém, se o sujeito continuar a demonstrar um comportamento mais adequado, não só o grupo poderá ir mudando progressivamente a sua conduta, como também ele próprio se vai tornando mais interessante e atraente enquanto potencial amigo de outros colegas.

Neste domínio, foram encontradas diferenças de sexo, com as raparigas socialmente retraídas a serem mais excluídas e vitimizadas, bem como menos sociáveis do que os rapazes. Estes resultados parecem contrariar a ideia de que o retraimento social é não só mais tolerado, como também acarreta menos riscos de ajustamento psicossocial para o sexo feminino. No entanto, vão ao encontro de outros estudos que fizeram uso de amostras de adolescentes e que não confirmaram esta ideia (p. ex., Gazelle & Rudolph, 2004). Assim, torna-se necessário prosseguir com as investigações para perceber se estes resultados, que já estão verificados para a infância, se aplicam igualmente em outras etapas do ciclo vital, bem como a diferentes culturas.

Foi ainda revelado um efeito de interação, em que as raparigas socialmente retraídas e sem amigas são descritas, pelos seus pares, como mais excluídas e vitimizadas. Este comportamento mais negativo por parte dos pares relativamente às raparigas poderá dever-se ao facto de ser duplamente estranho: é não só o movimento de retraimento e afastamento da interação com os pares, como ainda o facto de uma rapariga não ter uma melhor amizade. Na medida em que a literatura tem sido sugerido que as amizades podem ser mais importantes para as raparigas, enquanto para os rapazes é a inclusão num grupo mais alargado (p. ex., Maccoby, 1995), poder-se-á pensar que existe uma expectativa social associada a este aspeto. Poder-se-á esperar que as raparigas tenham sempre uma melhor amiga, uma vez que se afiliam em pequenas díades ou tríades caracterizadas por uma grande exclusividade e intimidade.

Limitações e direções futuras

Esta investigação pretende, apenas, ser o início de muitas outras sobre a problemática do retraimento social na realidade portuguesa, na medida em que, muitas questões continuam em aberto, nos mais diversos domínios. Efetivamente, mesmo no domínio social que é o foco desta investigação, seria interessante incluir outras dimensões que pudessem caracterizar melhor a relação que estes adolescentes mantêm com o grupo de pares, nomeadamente a aceitação/rejeição ou o

estatuto social. Por outro lado, neste estudo foi utilizada apenas a medida das melhores amizades recíprocas – pela sua maior influência no desenvolvimento sócio-emocional (p. ex., Urberg, Degirmencioglu, & Tolson, 1998) –, com sujeitos do mesmo sexo – por ainda serem raras as nomeações ao sexo oposto, nesta fase do desenvolvimento (p. ex., Haselager, Hartup, van Lieshout, & Riksen-Walraven, 1998) – e, por questões metodológicas, com alguém da mesma turma. Contudo, seria interessante considerar um critério mais abrangente, que pudesse incluir as amizades com pares de sexo oposto e/ou de outros contextos, de modo a esclarecer, de forma inequívoca, se os indivíduos que foram tratados como não tendo amigos não os têm mesmo, ou não os têm apenas devido aos critérios definidos. Isto permitiria aferir melhor o valor protetor da amizade para os adolescentes que exibem comportamentos de retraimento social. Para além do domínio social circunscrito à relação com os pares, seria igualmente importante considerar o papel da relação com os pais no retraimento social.

REFERÊNCIAS

- Bagwell, C. L., Newcomb, A. F., & Bukowski, W. M. (1998). Preadolescent friendship and peer rejection as predictors of adult adjustment. *Child Development, 69*, 140-153. doi: 10.1111/j.1467-8624.1998.tb06139.x
- Berndt, T. J. (2004). Children's friendships: Shifts over a half-century in perspectives on their development and their effects. *Merrill Palmer Quarterly Journal of Developmental Psychology, 50*, 206-223.
- Berndt, T. J., Hawkins, J. A., & Jiao, Z. (1999). Influences of friends and friendships on adjustment to junior high school. *Merrill-Palmer Quarterly, 45*, 13-41.
- Buhrmester, D. (1998). Need fulfilment, interpersonal competence, and the development contexts of early adolescent friendship. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendships and their developmental significance* (pp. 158-185). New York: Cambridge University Press.
- Bukowski, W. M., Gauze, C., Hoza, B., & Newcomb, A. F. (1993). Differences and consistency between same-sex and other-sex peer relationships during early adolescence. *Developmental Psychology, 29*, 255-263. doi: 10.1037/0012-1649.29.2.255
- Bukowski, W. M., Hoza, B., & Boivin, M. (1994). Measuring friendship quality during pre- and early adolescence: The development and psychometric properties of the Friendship Qualities Scale. *Journal of Social and Personal Relationships, 11*, 472-484.
- Burgess, K. B., Rubin, K. H., Wojslawowicz, J. C., Rose-Krasnor, L., & Booth, C. L. (2003). *The "Extended Class Play": A longitudinal study of its factor structure, reliability, and validity*. Presented at the biennial meeting of the Society for Research in Child Development. Tampa, FL.
- Chen, X., He, Y., De Oliveira, A. M., Lo Coco, A., Zappulla, C., Kaspar, V., & DeSouza, A. (2004). Loneliness and social adaptation in Brazilian, Canadian, Chinese and Italian children: A multi-national comparative study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 45*, 1373-1384. doi: 10.1111/j.1469-7610.2004.00844.x
- Chen, X., Rubin, K. H., & Sun, Y. (1992). Social reputation and peer relationships in Chinese and Canadian children. *Social Development, 3*, 269-290. doi: 10.1111/j.1467-8624.1992.tb01698.x
- Coplan, R. J., & Prakash, K. (2003). Spending time with teacher: Characteristics of preschoolers who frequently elicit versus initiate interactions with teachers. *Early Childhood Research Quarterly, 18*, 143-158. doi: 10.1016/s0885-2006(03)00009-7
- Correia, J., Santos, A. J., Freitas, M., Rosado, A., & Rubin, K. (2014). Análise fatorial confirmatória do Extended Class Play numa amostra portuguesa de jovens adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 27*, 462-471. doi: 10.1590/1678-7153.201427306

- Fredstrom, B. K., Rose-Krasnor, L., Campbell, K., Rubin, K. H., Booth-LaForce, C., & Burgess, K. B. (2012). Brief report: How anxiously withdrawn preadolescents think about friendship. *Journal of Adolescence, 35*, 451-454. doi: 10.1016/j.adolescence.2011.05.005
- Freitas, M., Santos, A. J., Correia, J. V., Ribeiro, O., & Fernandes, E. (2013). Análise fatorial confirmatória do modelo do Questionário da Qualidade da Amizade numa amostra de jovens adolescentes Portuguesa. *Laboratório de Psicologia, 11*, 163-175.
- Gazelle, H., & Rudolph, K. (2004). Moving toward and away from the world: Social approach and avoidance trajectories in anxious solitary youth. *Child Development, 75*, 829-849. doi: 10.1111/j.1467-8624.2004.00709.x
- Hartup, W. W. (1996). The company they keep: Friendships and their developmental significance. *Child Development, 67*, 1-13. doi: 10.1111/1467-8624.ep9602271141
- Haselager, G. J. T., Hartup, W. H., van Lieshout, C. F. M., & Riksen-Walraven, J. M. A. (1998). Similarities between friends and nonfriends in middle childhood. *Child Development, 69*, 1198-1208. doi: 10.1111/j.1467-8624.1998.tb06167.x
- Hinde, R. A. (1987). *Individuals, relationships and culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hogue, A., & Steinberg, L. (1995). Homophily of internalized distress in adolescent peer groups. *Developmental Psychology, 31*, 897-906. doi: 10.1037/0012-1649.31.6.897
- Hymel, S., Bowker, A., & Woody, E. (1993). Aggressive versus withdrawn unpopular children: Variations in peer and self-perceptions in multiple domains. *Child Development, 64*, 879-896. doi: 10.1111/j.1467-8624.1993.tb02949.x
- Ladd, G. W., & Burgess, K. B. (1999). Charting the relationship trajectories of aggressive, withdrawn, and aggressive/withdrawn children during early grade school. *Child Development, 70*, 910-929. doi: 10.1111/1467-8624.00066
- Maccoby, E. E. (1995). The two sexes and their social systems. In P. Moen, G. H. Elder, Jr., & K. Luescher (Eds.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 347-364). Washington, DC: American Psychological Association.
- Oh, W., Rubin, K. H., Bowker, J. C., Booth-LaForce, C., Rose-Krasnor, L., & Laursen, B. (2008). Trajectories of social withdrawal middle childhood to early adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology, 36*, 553-566. doi: 10.1007/s10802-007-9199-z
- Oh, W., Rubin, K. H., Burgess, K. B., Booth-LaForce, C., & Rose-Krasnor, L. A. (2004). *Developmental perspective on social withdrawal across middle childhood and adolescence: Predictions from parental and peer factors*. Poster apresentado em 18th Biennial Meetings of the International Society for the Study of Behavioral Development. Ghent, Bélgica.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: Links with peer group acceptance and feelings of loneliness and social dissatisfaction. *Developmental Psychology, 29*, 611-621. doi: 10.1037/0012-1649.29.4.611
- Poulin, F., & Chan, A. (2010). Friendship stability and change in childhood and adolescence. *Developmental Review, 30*, 257-272. doi: 10.1016/j.dr.2009.01.001
- Prior, M., Smart, D., Sanson, A., & Oberklaid, F. (2000). Does shy inhibited temperament in childhood lead to anxiety problems in adolescence? *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 39*, 461-468. doi: 10.1097/00004583-200004000-00015
- Rubin, K. H., Bowker, J. C., & Gazelle, H. (2010). Social withdrawal in childhood and adolescence: Peer relationships and social competence. In K. H. Rubin & R. Coplan (Eds.), *The development of shyness and social withdrawal* (pp. 131-156). New York: Guilford Press.
- Rubin, K. H., Bukowski, W., & Laursen, B. (Eds.). (2009). *Handbook of peer interactions, relationships, and groups*. New York: Guilford Press.

- Rubin, K. H., Bukowski, W. M., & Parker, J. G. (2006). Peer interactions, relationships, and groups. In W. Damon, R. M. Lerner (Series Eds.), & N. Eisenberg (Volume Ed.), *Handbook of child psychology, Vol. 3: Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 571-645). Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons Inc.
- Rubin, K. H., & Burgess, K. B. (2001). Social withdrawal and anxiety. In M. W. Vasey & M. R. Dadds (Eds.), *The developmental psychopathology of anxiety* (pp. 407-434). New York: Oxford University Press.
- Rubin, K. H., Chen, X., McDougall, P., Bowker, A., & McKinnon, J. (1995). The Waterloo Longitudinal Project: Predicting internalizing and externalizing problems in adolescence. *Development and Psychopathology, 7*, 751-764.
- Rubin, K. H., & Coplan, R. J. (2004). Paying attention to and not neglecting social withdrawal and social isolation. *Merrill-Palmer Quarterly, 50*, 506-534. doi: 10.1037/a0012954
- Rubin, K. H., Coplan, R. J., & Bowker, J. C. (2009). Social withdrawal in childhood. *Annual Review of Psychology, 60*, 141-171. doi: 10.1146/annurev.psych.60.110707.163642
- Rubin, K. H., Wojslawowicz, J. C., Rose-Krasnor, L., Booth-LaForce, C., & Burgess, K. B. (2006). The best friendships of shy/withdrawn Children: Prevalence, stability and relationship quality. *Journal of Abnormal Child Psychology, 34*, 143-157. doi: 10.1007/s10802-005-9017-4
- Schneider, B. (1999). A multimethod exploration of the friendships of children considered socially withdrawn by their school peers. *Journal of Abnormal Child Psychology, 27*, 115-123. doi: 10.1023/a:1021959430698
- Schneider, B. H., & Tessier, N. G. (2007). Close friendship as understood by socially withdrawn, anxious early adolescents. *Child Psychiatry and Human Development, 38*, 339-351. doi: 10.1007/s10578-007-0071-8
- Underwood, M. K. (2007). Gender and children's friendships: Do girls' and boys' friendships constitute different peer cultures and what are the tradeoffs for development? *Merrill-Palmer Quarterly, 53*, 319-324. doi: 10.1353/mpq.2007.0022
- Urberg, K. A., Degirmencioglu, S. M., & Tolson, J. M. (1998). Adolescent friendship selection and termination: The role of similarity. *Journal of Social and Personal Relationships, 15*, 703-710.
- Wojslawowicz Bowker, J., Rubin, K. H., Burgess, K., Booth-LaForce, C., & Rose-Krasnor, L. (2006). Behavioral characteristics associated with stable and fluid best friendship patterns in middle childhood. *Merrill-Palmer Quarterly: Journal of Developmental Psychology, 52*, 671-693. doi: 10.1353/mpq.2006.0000
- Zeller, M., Vannatta, K., Schafer, J., & Noll, R. B. (2003). Behavioral reputation: A cross-age perspective. *Developmental Psychology, 39*, 129-139. doi: 10.1037/00121649.39.1.129

The present research aims to characterize the social relations of withdraw adolescents with their peer group and best friends. Data were collected based on three instruments: the Extended Class Play – which allows to capture the evaluations that peers make of the behavior, social functioning and social reputation of their colleagues –, the Friendship Nominations and the Friendship Quality Questionnaire – meant to access the perceptions that individuals have of various qualitative aspects of their best friendships. With regard to social relations, the results showed that socially withdrawn adolescents were described by their peers as being significantly more isolated, excluded and victimized, but also more prosocial than their colleagues. On the other hand, they did not differ in the number of mutual friends nor in the reported relationship's quality, although they tended to have friends significantly more withdrawn and excluded, as well as less aggressive than the control group's adolescents. The results are in agreement with the literature, reflecting on the social difficulties that withdrawn young people face, as well as the possible protective effect of a best friendship's communion.

Key-words: Peer relations, Social withdrawal, Friendship, Adolescents.

